Para as minhas mulheres nas STEM: Kate, Caitie, Hatun e Mar.
Per aspera ad aspera.

Hi-pó-te-se (nome)

Uma suposição ou sugestão de explicação feita com base em conhecimentos limitados, como ponto de partida para mais investigação.

Exemplo: «Com base na informação disponível e na informação recolhida, a minha hipótese é que quanto mais longe estiver do amor, melhor para mim.»

Prólogo

Para dizer a verdade, Olive estava um bocadinho de pé atrás com aquela história do doutoramento.

Não porque ela não gostasse de ciência. (Ela gostava, a ciência era a sua *cena*). E também não era por causa da montanha de alertas. Ela tinha perfeita noção de que dispor-se a anos de trabalho não reconhecido e mal pago durante oitenta horas por semana poderia *não* ser benéfico para a sua saúde mental. As noites passadas a labutar diante de um bico de Bunsen para desvendar um pedacinho de conhecimento trivial poderiam *não* ser a chave para a felicidade. E sabia que devotar-se de corpo e alma a perseguir fins académicos com raras pausas para roubar *bagels* sem vigilância poderia *não* ser uma escolha ajuizada.

Tinha perfeita noção de tudo isso e, no entanto, não estava preocupada. Ou se calhar estava, um bocadinho, mas conseguia lidar com isso. Havia outra coisa que a impedia de se render de vez ao mais notório círculo sugador-de-almas do inferno (ou seja, um curso de doutoramento). Na verdade, era algo que a angustiava, até ter sido chamada para uma entrevista para o departamento de biologia de Stanford, e se cruzar com O Gajo.

O Gajo, que não chegou a perceber ao certo como se chamava.

O Gajo, com quem se cruzou depois de tropeçar na primeira casa de banho que conseguiu encontrar.

O Gajo, que lhe perguntou:

— Só por curiosidade, há algum motivo particular para estares a chorar na minha casa de banho?

Olive guinchou. Tentou abrir os olhos por entre as lágrimas e só o conseguiu a custo. Todo o seu campo de visão estava desfocado. Tudo o que conseguia ver era um vulto aquático — alguém alto, de cabelo escuro, vestido de preto e… Pois. Era tudo.

— Eu… Isto é a casa de banho das senhoras? — gaguejou.

Pausa. Silêncio. E depois:

— *Nope*.

A voz era profunda. Muito profunda. Mesmo profunda. *Sonhadoramente* profunda.

— Tens a certeza?

— Sim.

— Absoluta?

— Diria que sim, sendo esta a casa de banho do meu laboratório.

Pronto. Não valia a pena insistir mais.

— Peço imensa desculpa, precisas de…? — gesticulou, na direção dos lavatórios, ou onde julgava que estariam os lavatórios. Os olhos ardiam, mesmo fechados, e ela teve de os esfregar para afastar a queimadura. Tentou secar as bochechas com a manga, mas o material da bata era barato e frágil, e não absorvia metade do que o verdadeiro algodão absorve. Ah, as alegrias de ser pobre.

— Só preciso de despejar este reagente no ralo — disse ele, mas ela não o ouviu mexer-se. Talvez porque ela estava a bloquear o lavatório. Ou talvez porque achasse que Olive era maluca e estava a ponderar se devia mandar a polícia do *campus* atrás dela. Isso podia significar um fim brutalmente rápido para os seus sonhos de doutoramento, não podia? — Não usamos isto como sanitários, só aqui vimos para despejar as sobras e lavarmos o equipamento.

— Oh, desculpa, pensei… — Mal. Tinha pensado mal, como era seu costume e maldição.

— Está tudo bem? — Ele devia ser mesmo muito alto. Parecia que a voz vinha de meio metro acima dela.

— Claro. Porquê a pergunta?

— Porque estás a chorar. Na minha casa de banho.

— Oh, não estou a chorar. Bem, estou mais ou menos, mas são só lágrimas, percebes?

— Por acaso não.

Ela suspirou, embatendo na parede de azulejos.

— São as minhas lentes de contacto. Já estão fora de prazo há algum tempo, e também não eram lá grande coisa de início. Dão-me cabo dos olhos. Já as tirei, mas… — Encolheu os ombros. Com sorte, na direção dele. — Demora um bocadinho a ficarem melhores.

— Usas lentes de contacto fora de prazo? — Pareceu pessoalmente ofendido.

— Só um bocadinho fora de prazo.

— O que é um bocadinho?

— Sei lá. Uns aninhos?

— *O quê?* — As consoantes saíam-lhe ríspidas e precisas. Duras. Agradáveis.

— Poucos, acho eu.

— Poucos *anos*?

— Não faz mal. As datas de validade são para os fracos.

Ouviu-se um ruído áspero — uma espécie de arquejo.

— As datas de validade servem para não dar com ninguém a chorar na minha casa de banho.

A menos que o tipo fosse o Sr. Stanford em pessoa, podia parar de chamar àquela *a sua* casa de banho.

— Está tudo bem — acenou com a mão. Teria revirado os olhos, se não estivessem em chamas. — A ardência só dura uns minutos.

— Quer dizer que já fizeste isto antes?

Ela franziu o sobrolho.

— Isto o quê?

— Usar lentes de contacto fora de prazo.

— Claro. As lentes de contacto não são baratas.

— Muito menos os *olhos*.

Ups. Bem visto.

— Já nos conhecemos? Se calhar ontem à noite, no jantar de recrutamento com os candidatos a doutoramento?

— Não.

— Não estavas lá?

— Não é bem o meu tipo de evento.

— Mas e a comida gratuita?

— Não compensa a conversa de circunstância.

Talvez ele estivesse de dieta, porque que tipo de aluno de doutoramento diria uma coisa dessas? E Olive tinha a *certeza* de que ele também era um aluno de doutoramento; o tom de arrogância condescendente denunciava-o. Todos os alunos de doutoramento eram assim: achavam-se acima de toda a gente só porque tinham recebido o privilégio dúbio de dissecar moscas da fruta em nome da ciência por noventa cêntimos à hora. Na paisagem soturna, escura e infernal da academia, os alunos de doutoramento eram as criaturas no fundo da cadeia alimentar, e por isso tinham de se convencer de que eram os melhores. Olive não era nenhuma psicóloga, mas pareceu-lhe um mecanismo de defesa evidente.

— Estás a candidatar-te a um lugar no programa?

— Sim. A um dos dez lugares em biologia no próximo ano. — Deus do céu, os olhos ainda queimavam. — E tu? — perguntou, pressionando-os com as palmas das mãos.

— Eu?

— Há quanto tempo estás por cá?

— Aqui? — Pausa. — Seis anos. Mais ou menos.

— Oh, então estás quase a obter o diploma.

— Eu…

Ela percebeu a sua hesitação e sentiu-se instantaneamente culpada.

— Espera, não precisas de responder. A primeira regra do doutoramento: não perguntes aos outros quanto tempo falta para terminar a tese.

Passou um instante. E depois outro.

— Certo.

— Desculpa. — Gostaria de poder vê-lo. Socializar já era difícil o suficiente; a última coisa de que precisava era de poucas orientações de como proceder. — Não quis soar como os teus pais no Dia de Ação de Graças.

Ele riu-se devagar.

— Não terias como.

— Oh. — Ela sorriu. — Pais muito chatos?

— E Dias de Ação de Graças ainda piores.

— É o que vocês, americanos, merecem por deixarem a Comunidade Britânica das Nações. — Estendeu a mão na direção em que lhe pareceu que ele estava. — Sou a Olive, já agora. Como a árvore.

Ela começava a perguntar-se se tinha acabado de se apresentar ao ralo quando o ouviu dar um passo na sua direção. A mão que se fechou em redor da dela era seca, quente e tão grande que poderia ter envolvido o seu pulso inteiro. Tudo nele devia ser enorme. Altura, dedos, voz.

Não foi desagradável de todo.

— Não és americana? — perguntou ele.

— Canadiana. Ouve, se por acaso falares com alguém do comité de admissões, importas-te de não mencionar este incidente com as lentes de contacto? Não quero que me julguem uma candidata pouco brilhante.

— Achas que sim? — gracejou.

Ela tê-lo-ia fulminado se pudesse. Embora, quem sabe, estivesse a fazê-lo com sucesso nesse preciso momento, porque ele riu-se — foi só um sopro, mas ela percebeu. E gostou de o ouvir.

— Estás a pensar juntar-te a nós? — perguntou ele.

Ela encolheu os ombros.

— Não sei se me vão fazer uma proposta.

Mas ela e a professora que a entrevistara, a Dra. Aslan, tinham-se entendido muito bem. Olive gaguejara e balbuciara menos do que era costume. Além disso, os seus resultados nos exames e a sua média geral eram quase perfeitos. Não ter vida pessoal acabava por ser útil de vez em quando.

— Estás a pensar juntar-te a nós se receberes uma proposta?

Seria parva se não aceitasse. Afinal, estavam a falar de Stanford — estava à frente de um dos melhores programas de biologia. Ou pelo menos era o que Olive andava a dizer a si mesma para encobrir a assustadora verdade.

Que, na realidade, ela estava um bocadinho de pé atrás com aquela história do doutoramento.

— Eu… Talvez. Devo dizer que a linha entre uma excelente oportunidade de carreira e a possibilidade de estragar a minha vida está a tornar-se um bocadinho ténue, ultimamente.

— Parece que estás mais inclinada para estragar a tua vida. — Ele aparentava estar a sorrir.

— Não. Quer dizer… Eu apenas…

— Apenas?

Ela mordeu o lábio.

— E se não for boa o suficiente? — atirou, e porquê, Deus, *porque* é que estava a desvendar os medos mais profundos e secretos do seu coração perante um gajo qualquer na casa de banho? E o que é que isso adiantava, de qualquer maneira? Sempre que expressava as suas dúvidas aos amigos e conhecidos, ofereciam-lhe prontamente o mesmo apoio banal e vazio de significado. *Vai correr tudo bem. Tu consegues. Acredito em ti.* Este gajo ia com toda a certeza fazer o mesmo.

Estava a caminho.

A qualquer momento.

Era uma questão de segund…

— Porque queres fazer isto?

Hum?

— Fazer o quê?

— Fazer um doutoramento. Qual é o motivo?

Olive aclarou a garganta.

— Sempre tive uma mente inquisitiva, e a universidade é o sítio ideal para a estimular. Vai dar-me importantes capacidades transferíveis e…

Ele bufou.

Ela franziu o sobrolho.

— O que foi?

— Não te perguntei o que vem escrito nos manuais de preparação para entrevistas. Porque é que *tu* queres um doutoramento?

— Mas é a verdade — insistiu ela, com alguma hesitação. — Quero melhorar as minhas habilidades de investigação…

— É porque não te vês a fazer mais nada?

— Não.

— Porque não conseguiste um lugar no mercado de trabalho?

— Não, nem sequer me candidatei.

— Ah. — Ele mexeu-se, era uma figura grande e distorcida que se aproximou dela para despejar algo no lavatório. Olive captou o cheiro a óleo de cravo, a detergente de roupa e a pele de homem limpa. Uma combinação estranhamente agradável.

— Preciso de mais liberdade do que aquela que o mercado pode oferecer.

— Não se tem grande liberdade na universidade. — A voz estava mais perto, como se ele ainda não se tivesse afastado. — Vais ter de custear o teu trabalho através de bolsas absurdamente competitivas. Farias mais dinheiro num emprego qualquer das nove às seis, e ao menos podias gozar o conceito de fim de semana.

Olive falou-lhe com desconfiança:

— Estás a tentar influenciar-me a rejeitar a oferta? Isto é algum tipo de campanha contra pessoas-que-usam-lentes-de-contacto-fora-de-prazo?

— *Nah*.

Conseguia ouvi-lo sorrir.

— Vou acreditar que foi só um engano passageiro.

— Eu uso-as a *toda a hora* e quase nunca…

— Uma grande sequência de enganos passageiros, claramente. — Ele suspirou. — O que interessa é: não faço ideia se és boa o suficiente, mas não é isso que devias perguntar-te. A academia dá muito trabalho para pouco ganho. O que interessa é saber se a *razão* pela qual estás na universidade é boa o suficiente. Posto isto, porque queres fazer um doutoramento, Olive?

Ela refletiu na resposta, e refletiu, e refletiu ainda mais um bocado. E depois falou com hesitação:

— Eu tenho uma questão. Uma questão específica. Uma coisa que quero descobrir. Pronto. É isso. Aqui está a resposta. É uma coisa que tenho medo que mais ninguém descubra se eu também não descobrir.

— Uma questão?

Sentiu o ar mover-se e percebeu que ele se tinha apoiado no lavatório.

— Sim. — Sentiu a boca seca. — Uma coisa que é importante para mim. E não confio em mais ninguém para o descobrir. Porque até agora não conseguiram. Porque…

Porque aconteceu uma coisa má. E porque quero fazer a minha parte para garantir que isso não acontecerá de novo.

Eram pensamentos sérios para se ter na presença de um estranho, na escuridão das suas pálpebras fechadas. Então revelou-os; a visão continuava desfocada, mas os olhos já não lhe ardiam tanto. O Gajo ainda estava a olhar para ela. Um bocadinho vago nos contornos, talvez, mas estava mesmo *ali*, à espera que ela continuasse.

— É importante para mim — repetiu. — A pesquisa que quero fazer.

Olive tinha vinte e três anos e estava sozinha no mundo. Não aspirava a ter fins de semana nem a um salário decente. Queria voltar atrás no tempo. Queria sentir-se menos sozinha. Mas, uma vez que isso lhe parecia impossível, conformava-se com o que podia fazer.

Ele assentiu, mas não disse nada conforme se endireitou e deu alguns passos na direção da porta. Estava claramente a ir-se embora.

— Achas que a minha razão é suficientemente boa para fazer um doutoramento? — disse, na direção dele, detestando a ânsia de aprovação na sua voz. Era possível que estivesse à beira de uma crise existencial qualquer.

Ele parou e virou-se, olhando para ela.

— É a melhor.

Ele estava a sorrir, achou ela. Ou algo do género.

— Boa sorte na tua entrevista, Olive.

— Obrigada.

Ele já estava quase fora da porta.

— Talvez te encontre no próximo ano! — murmurou. — Se conseguir entrar. E se ainda não tiveres terminado.

— Talvez — ouviu-o dizer.

Com aquilo, O Gajo desapareceu. E Olive nunca chegou a saber o seu nome. Mas, umas semanas depois, quando o departamento de biologia de Stanford lhe enviou uma proposta, ela aceitou-a. Sem qualquer hesitação.

Capítulo 1

♥ **HIPÓTESE:** Quando posso escolher entre A (uma situação ligeiramente inconveniente) e B (uma porcaria colossal com consequências devastadoras) acabo inevitavelmente por escolher B.

DOIS ANOS E ONZE MESES DEPOIS

Em defesa de Olive, o homem não pareceu sentir-se muito incomodado com o beijo.

Demorou um instante a adaptar-se — perfeitamente compreensível, dadas as circunstâncias repentinas. Foi um minuto estranho, desconfortável e de certo modo doloroso, em que Olive estava, em simultâneo, a esmagar os lábios contra os dele e a pôr-se em bicos de pés para tentar manter a boca ao nível da cara dele. Ele *precisava* de ser tão alto? O beijo deve ter parecido um choque de cabeças desajeitado, e ela foi ficando ansiosa com a possibilidade de não ser capaz de dar conta do recado. A sua amiga Anh, que Olive tinha visto vir na sua direção há uns segundos, ia olhar para aquilo e perceber de imediato que Olive e o Tipo do Beijo não poderiam, de maneira alguma, ser duas pessoas a meio de um encontro.

Depois o momento agonizante passou e o beijo tornou-se… *diferente*. O homem inspirou com brusquidão e inclinou um bocadinho a cabeça, o que permitiu que Olive se parecesse menos com um esquilo a subir a um baobá, e as mãos dele — que eram grandes e agradavelmente quentes do ar condicionado da entrada — fecharam-se em torno da cintura dela. Deslizaram um pouco e foram alojar-se junto às costelas de Olive, segurando-a contra ele. Nem demasiado perto, nem demasiado longe.

O ideal.

Foi mais um encontro de lábios prolongado do que outra coisa qualquer, mas foi bastante agradável e, durante alguns segundos, Olive pôde esquecer-se de um grande número de coisas, incluindo o facto de estar pressionada contra um tipo desconhecido qualquer. Ou que mal tivera tempo de lhe perguntar «Importa-se que o beije?», antes de pregar os lábios aos dele. Ou que o que a levava àquilo era a esperança de enganar Anh, a sua melhor amiga no mundo inteiro.

Mas um bom beijo tem esse efeito: o de fazer uma rapariga esquecer-se de si própria durante um bocado. Olive deu por si a derreter contra um peito largo e sólido, que não ofereceu resistência de todo. As mãos dela moveram-se desde um maxilar bem definido até um cabelo surpreendentemente suave e denso, e então… então… ouviu-se a si própria suspirar, como se já estivesse sem fôlego, e foi então que percebeu, como se levasse com um tijolo na cabeça, que… Não. Não.

Nope, *nope*. Não.

Ela não devia estar a gostar daquilo. Um tipo qualquer, e tudo isso.

Olive arquejou e afastou-se dele, aflita à procura de Anh. À luz azulada do corredor do laboratório de biologia, a amiga não estava em lado nenhum. Estranho. Olive estava certa de a ter visto uns segundos antes.

O Tipo do Beijo, por outro lado, estava de pé diante dela, de lábios afastados, o peito a subir e a descer e um brilho estranho no olhar, que, quando recaiu sobre ela, trouxe a enormidade do que tinha acabado de fazer. De *quem* tinha acabado de…

Estava completamente lixada.

Estava. Completamente. Lixada.

Porque o Dr. Adam Carlsen era um canalha bem conhecido.

O facto não era extraordinário por si só, uma vez que na universidade qualquer posição acima da dos estudantes de doutoramento (a de Olive, infelizmente), requeria um certo nível de canalhice para poder manter-se durante algum tempo, sendo o docente titular da faculdade o topo da pirâmide da canalhice. O Dr. Carlsen, contudo, era um caso excecional. Pelo menos se os rumores tivessem razão de ser.

Ele era o motivo pelo qual o colega de quarto de Olive, Malcolm, tivera de destruir por inteiro dois projetos de investigação, e com alguma

probabilidade acabaria por se graduar com um ano de atraso; fora por causa dele que Jeremy tinha vomitado de ansiedade antes dos exames de qualificação; era o único culpado por metade dos estudantes do departamento terem de adiar a defesa das suas teses. Joe, que estava no grupo de Olive e que costumava levá-la a assistir a filmes europeus com legendas microscópicas como escape às quintas-feiras à noite, tinha sido assistente no laboratório de Carlsen, mas desistiu seis meses depois por alguns «motivos». Provavelmente, era melhor assim, porque a maioria dos estudantes que restavam a Carlsen tinha as mãos num tremor constante, e era costume terem aspeto de quem não dormia havia um ano.

O Dr. Carlsen podia ter sido uma *rock star* durante os seus anos de jovem académico, e um prodígio a biologia, mas também era mau e hipercrítico, e era evidente, pela forma como falava, pelos ares que se dava, que achava que era a única pessoa que praticava ciência com conhecimento no departamento de biologia de Stanford. Ou no mundo inteiro, provavelmente. Era um conhecido sacana mal-humorado, desprezível e aterrorizador.

E Olive tinha acabado de o beijar.

Não tinha a certeza de quanto tempo haviam ficado em silêncio — só que foi ele a quebrá-lo. Ele deixou-se ficar diante de Olive, estupidamente intimidante com os seus olhos escuros e cabelo ainda mais escuro, a olhá-la de cima sabe-se lá com quantos centímetros para lá do metro e oitenta — ele devia ter pelo menos vinte centímetros a mais do que ela. Olhou-a desconfiado, com uma expressão que ela reconheceu por o ter visto a assistir ao seminário do departamento, um olhar que habitualmente precedia um alçar da mão para salientar algum erro fatal no trabalho do orador.

Adam Carlsen. Destruidor de carreiras de investigação, como dissera uma vez a orientadora de Olive.

Está tudo bem. Não há problema. Ela ia fingir que não tinha acontecido nada, ia acenar-lhe cordialmente, e sair dali em bicos de pés. *Sim, um plano sólido.*

— Acabaste… Acabaste de me beijar? — Pareceu perplexo, e talvez um bocadinho sem fôlego. Os lábios estavam cheios e inchados e…

Deus. Beijados. Não havia modo de Olive sair daquela situação simplesmente negando o que acabara de fazer.

Ainda assim, valia a pena tentar.

— *Nope*.

Para sua surpresa, pareceu funcionar.

— Ah, *okay* então. — Carlsen assentiu e virou-lhe as costas, parecendo um tanto desorientado. Deu alguns passos pelo corredor e depois alcançou o dispensador de água; se calhar era para lá que se dirigia em primeiro lugar.

Olive começava a acreditar que estava a salvo quando ele parou e voltou atrás com uma expressão cética.

— Tens a certeza?

Caramba.

— Eu… — enterrou a cara nas mãos. — Não é o que parece.

— *Okay*. Eu… *Okay* — repetiu ele, devagar. A voz era profunda e baixa e soava como se ele estivesse prestes a zangar-se. Do género que se calhar até já estava zangado. — O que é que se passa aqui?

Não havia simplesmente modo de explicar. Qualquer pessoa normal teria achado a situação de Olive estranha, mas Adam Carlsen, que obviamente achava que a empatia era um inseto e não uma caraterística da humanidade, nunca poderia compreender. Ela deixou as mãos caírem e respirou fundo.

— Eu… Oiça, não quero ser mal-educada, mas não é nada que lhe diga respeito.

Ele fitou-a por um momento, e depois assentiu.

— Sim. Claro. — Devia estar a voltar ao seu humor habitual, porque o tom tinha perdido parte da surpresa e parecia normal. Seco. Sucinto. — Vou voltar para o meu escritório e começar a preparar a minha queixa do artigo IX.

Olive expirou de alívio.

— Sim, isso seria ótimo, uma vez que… Espere. A sua quê?

Ele empertigou a cabeça.

— O artigo IX é uma lei federal que protege os cidadãos de conduta sexual indevida em ambientes académicos.

— Eu sei o que é o artigo IX.

— Estou a ver. Então escolheste ignorá-lo de livre vontade.

— Eu… O quê? Não. Não, não escolhi!

Ele encolheu os ombros.

— Devo estar enganado, então. Devo ter sido atacado por outra pessoa.

— Atacado? Eu não o «ataquei».

— Beijaste-me.

— Mas não foi *a sério*.

— Sem primeiro obteres o meu consentimento.

— Eu *perguntei* se podia beijá-lo.

— E depois beijaste-me sem esperar pela resposta.

— O quê? Você disse que sim.

— Desculpa?

Ela franziu o sobrolho.

— Perguntei se podia beijá-lo e você disse que sim.

— Incorreto. Perguntaste-me se podias beijar-me e eu bufei.

— Tenho *a certeza* de que o ouvi dizer que sim.

Ele arqueou a sobrancelha e, por um momento, Olive deu por si a imaginar que afogava alguém. O Dr. Carlsen. Ela própria. Ambas eram excelentes opções.

— Oiça, peço imensa desculpa. Foi uma situação estranha. Podemos esquecer que aconteceu?

Ele estudou-a durante um longo momento, o rosto anguloso expressava seriedade e outra coisa, algo que ela não conseguiu decifrar porque estava demasiado ocupada a reparar, uma vez mais, em como ele era largo e alto como uma torre. Era maciço. Olive sempre tinha sido delgada, um bocadinho magra, mas as raparigas de um metro e setenta e dois raramente se sentem minúsculas. Pelo menos até se verem ao lado de Adam Carlsen. Ela sabia que ele era alto, claro, via-o no departamento e a atravessar o *campus*, e tinha até partilhado o elevador com ele, mas nunca tinham interagido. Nunca haviam estado tão próximos.

Exceto há um segundo, Olive. Quando quase enfiaste a língua na…

— Há algum problema? — Pareceu quase preocupado.

— O quê? Não. Não, não há.

— Porque — continuou ele, calmamente — beijar um estranho à meia-noite num laboratório de ciência pode levar a crer que há.

— Não há.

Carlsen assentiu, pensativo.

— Muito bem. Então aguarda o meu *e-mail* nos próximos dias.

Ele passou por ela e Olive virou-se para gritar para as costas dele:

— Nem sequer me perguntou o nome!

— Tenho a certeza de que não é difícil de descobrir, porque deves ter usado o teu cartão para entrar no laboratório a esta hora. Tem uma boa noite.

— Espere! — Ela avançou e parou-o, segurando-lhe o pulso. Ele parou de imediato, embora fosse evidente que não precisava de fazer um grande esforço para se libertar, e olhou diretamente para o sítio onde os dedos dela lhe envolviam a pele; mesmo abaixo de um relógio de pulso que devia custar metade do salário anual dela como estudante. Ou o salário todo.

Ela largou-o de repente e recuou um passo.

— Desculpe, não quis…

— O beijo. Explica.

Olive mordeu o lábio inferior. Estava mesmo lixada. Tinha de lho explicar agora.

— Anh Pham. — Olhou ao redor para se certificar de que a amiga tinha mesmo ido embora. — A rapariga que ia a passar. É uma estudante do departamento de biologia. — Carlsen não deu qualquer sinal de saber quem era Anh. — A Anh tem… — Olive afastou uma mecha de cabelo castanho para trás da orelha. Era ali que a história se tornava embaraçosa. Complicada e com um toquezinho juvenil. — Eu andava a sair com um tipo do departamento. Jeremy Langley, é ruivo e trabalha com o Dr… Enfim, saímos algumas vezes, mas quando o levei à festa de aniversário da Anh, eles começaram a dar-se bem e…

Olive fechou os olhos. O que era uma má ideia, porque agora podia ver tudo gravado nas pálpebras; como a sua melhor amiga e o rapaz com quem andava a sair se tinham posto a gracejar naquele beco atrás do *bowling*, como se fossem conhecidos de uma vida inteira; nunca esgotavam os assuntos de conversa, a risada, e depois, quando a noite

chegou ao fim, o olhar de Jeremy já seguia todos os movimentos de Anh. E tinha sido dolorosamente claro em quem estava interessado. Olive sacudiu a mão e tentou sorrir.

— Resumindo, depois de eu e o Jeremy terminarmos, ele convidou a Anh para sair. Ela disse que não por causa da… sororidade feminina e tal, mas eu sei que ela gosta *mesmo* dele. Ela tem medo de me magoar, e não importa quantas vezes lhe diga que estou bem, ela simplesmente não acredita.

Para não mencionar que no outro dia a ouvi dizer ao Malcolm que achava que o Jeremy é espetacular, mas que jamais me iria trair saindo com ele, e soou tão deprimida. Desapontada e insegura, nada como a Anh corajosa e vivaça a que estou habituada.

— Então eu menti-lhe e disse que já andava a sair com outra pessoa. Porque ela é uma das minhas melhores amigas e nunca a vi gostar assim tanto de um homem, e acho que ela deve ter as coisas boas que merece, e tenho a certeza de que ela faria o mesmo por mim, e… — Olive deu conta de que estava a extrapolar e que Carlsen não podia estar menos interessado. Ela parou e engoliu, apesar de a garganta estar seca. — Hoje. Disse-lhe que *hoje* tinha um encontro.

— Ah. — A expressão dele era indecifrável.

— Mas não tenho. Então decidi vir trabalhar numa coisa, mas a Anh apareceu também. Não estava à espera de a ver aqui. Mas vi. A vir nesta direção. E fiquei em pânico, enfim. — Olive passou uma mão no rosto. — Não estava a pensar.

Carlsen não disse nada, mas os olhos transpareciam os seus pensamentos. *Obviamente*.

— Só precisava que ela acreditasse que estava num encontro.

Ele assentiu.

— Então beijaste a primeira pessoa que viste no corredor. Faz todo o sentido.

Olive encolheu-se.

— Quando o põe nesses termos, se calhar não foi o meu melhor momento.

— Se calhar.

— Mas também não foi o meu pior! E tenho a certeza de que a Anh nos viu. Agora vai pensar que estava num encontro consigo e espero que se sinta livre para sair com o Jeremy e… — Ela sacudiu a cabeça. — Oiça, lamento imenso isto do beijo…

— Lamentas?

— Por favor, não faça queixa de mim. Eu achei mesmo que o ouvi dizer que sim. Eu prometo, não quis…

De repente, a enormidade do que tinha feito aterrou em toda a sua dimensão em cima dela. Ela acabara de beijar um tipo qualquer. Um tipo que tinha fama de ser o membro mais desagradável da faculdade, no departamento de biologia. Ela tinha tomado um *bufar* por consentimento, basicamente tinha-o atacado no corredor, e agora ele estava a olhar para ela com um ar estranho e pensativo, tão grande e concentrado e perto dela e…

Merda.

Se calhar era por ser tão tarde. Se calhar era porque tomara o último café há dezasseis horas. Se calhar era porque Adam Carlsen estava a olhar para ela *daquela* maneira. E, de repente, a situação foi demais para ela.

— Na realidade, está totalmente certo. E lamento imenso. Se sente que o assediei de algum modo, devia realmente fazer queixa de mim, porque é o mais justo. Foi uma coisa horrível da minha parte, apesar de eu não ter mesmo intenção de… Não que as minhas intenções interessem; é mais a sua perceção que…

Tretas, tretas, tretas.

— Vou-me embora agora, *okay*? Obrigada e… Oh, peço muitas, muitas desculpas… — Olive rodou nos saltos e correu pelo corredor.

— Olive — ouviu-o chamar atrás dela. — Olive, espera…

Ela não parou. Acelerou pelas escadas abaixo até ao primeiro andar, e depois saiu do edifício e atravessou os caminhos escassamente iluminados do *campus* de Stanford, passando por uma rapariga que estava a passear o cão e por um grupo de estudantes às risadas em frente à biblioteca. Continuou até chegar à porta do seu alojamento, parando apenas para a destrancar, e avançando em linha reta para o seu quarto

a fim de evitar o colega de apartamento e quem quer que ele tivesse trazido consigo para casa essa noite.

Só quando se afundou na cama, de olhos nas estrelas cintilantes que colara ao teto, é que se lembrou de que não tinha ido verificar os seus ratinhos. Também deixara o computador portátil no banco, e a camisola algures no laboratório, e também se esquecera de parar para comprar o café que tinha prometido a Malcolm para a manhã seguinte.

Merda. Que desastre de dia.

Nunca ocorreu a Olive que o Dr. Adam Carlsen, conhecido canalha, a tinha chamado pelo nome.